

## **Desenvolvimento insustentável em Joanesburgo**

Na semana passada traduzi nesta coluna a esperança que rodeava a Cimeira Mundial do Desenvolvimento Sustentável, que decorreu em Joanesburgo entre 26 de Agosto e 4 de Setembro. Aos meus leitores, porém, poderei dizer que se saldou num fracasso. Tempo perdido poderá ser exagero, mas difícil é ficar satisfeito depois de tão poucos compromissos, quando o planeta enfrenta problemas que colocam directamente em causa as condições especiais que apresenta para albergar vida.

Concretizando: resultaram das negociações a Declaração Política, um Plano de Implementação e várias parcerias voluntárias entre as organizações presentes no encontro. Pretendia-se que o Plano de Implementação contivesse um conjunto de metas, calendários e alocação de recursos com vista à implementação de medidas concretas de desenvolvimento sustentado.

Metas precisas, contudo, ficaram acordadas apenas duas:

- reduzir para metade o número de pessoas sem saneamento básico e sem acesso a água potável até 2015;
- restaurar os stocks de peixe urgentemente, se possível até 2015.

Muitos outros objectivos estão presentes (o Plano de Implementação estende-se por 153 parágrafos e mais ainda sub-parágrafos). Porém, a linguagem “polida” e fria que resultou das negociações levou à aprovação de coisas tão absurdas como “a produção até 2020 de químicos de tal forma que sejam minimizados os efeitos adversos significativos na saúde humana” (que objectivo frouxo!) e como “a redução significativa da actual taxa de perda de diversidade biológica” (era necessária muito mais ambição: actualmente há mais de 11000 espécies de plantas e animais em perigo!).

A deplorável intervenção dos Estados Unidos em conjunto com os países exportadores de petróleo impediu a concretização de uma das maiores expectativas da cimeira: a introdução de quotas obrigatórias de mercado para as energias renováveis. As organizações não-governamentais exigiam 20% até 2010, mas o melhor que se conseguiu foi uma declaração apelando aos países para apoiarem a sua introdução. Relembro que a urgência desta medida se deve à imperiosa necessidade de controlar as emissões de gases de estufa, pois as alterações climáticas são já hoje visíveis e tenderão a agravar-se (se nada for feito, estima-se que em 2100 a temperatura média poderá ser 5,8 °C superior, o suficiente para alterar drasticamente a distribuição de espécies em todo o mundo com prejuízos incalculáveis, nomeadamente em termos agrícolas).

A boa notícia foi o anúncio por parte da China, Rússia e Austrália de pretenderem ratificar em breve o Protocolo de Quioto, permitindo a sua entrada em vigor e isolando os Estados Unidos como o único país rico que não o vai fazer (uma das primeiras decisões fortemente polémicas de Bush).

Gostaria de destacar o trabalho empenhado de associações como a Quercus, que esteve presente em Joanesburgo e diariamente dava conta por correio electrónico da evolução das negociações. Visite a página da associação em <http://www.quercus.pt> e se possível faça-se sócio!

Nota: deixo aqui a sugestão aos leitores para me enviarem por correio electrónico casos de flagrantes atentados ambientais em Portugal. Terei o maior prazer em os expor aqui para pressionar as autoridades competentes a agir.

Nuno Quental

Eng. do Ambiente

[nquental@mail.esb.ucp.pt](mailto:nquental@mail.esb.ucp.pt)

7/9/2002